

# Fiocruz pretende nacionalizar a tecnologia de saúde até 85

25 NOV 1979

O presidente da Fundação Oswaldo Cruz, Guilardo Martins Alves, pretende transformar a Fiocruz até 85, no "grande instrumento para o Governo nacionalizar toda a tecnologia em saúde, tornando-se auto-suficiente e independente do Exterior".

Guilardo explicou que a Fiocruz está-se preparando para ser um grande instituto nacional de pesquisas. Para isso montará um Sistema Nacional de Controle de Qualidade de Drogas, Alimentos, Medicamentos, Saneantes, Aditivos, Cosméticos e Correlatos; um Laboratório de Imunologia Parasitária e um Centro de Virulogia Comparada, onde serão estudadas em profundidade as hepatites e as enteroviroses — infecções intestinais consideradas como as principais causadoras de mortalidade infantil no Brasil.

A primeira etapa nesse sentido estará concluída até o final do ano que vem, quando a Fiocruz, por meio do Laboratório Central de Controle que Qualidade de Drogas, Alimentos, Medicamentos, Saneantes, Aditivos, Cosméticos e Correlatos, pretende assumir integralmente a parte de análise dos produtos, inclusive os importados, atualmente a cargo dos próprios fabricantes. Até lá o Laboratório Central estará realizando 8 mil exames de amostras, quantidade que será mantida anualmente.

Para auxiliar o Laboratório Central na análise de todos os produtos, a Fiocruz credenciará os existentes nas universidades e instalará vários laboratórios de menor porte — um ou mais em cada região —, incumbidos de controlar a qualidade dos insumos básicos e de matéria acabada. Até o final de 1980 espera, também, formar 100 tecnologistas entre bromatologistas, farmacologistas, físicas químicas, etc, para trabalhar nessas unidades.

Paralelamente mediante

convênio firmado com a Organização Mundial de Saúde (OMS), no valor de 400 mil dólares, a Fundação Oswaldo Cruz iniciou a construção do Laboratório de Imunologia Parasitária, cuja atividade prioritária será pesquisar vacinas contra as grandes endemias: chagas, malária, esquistosomose, entre outras, para as quais ainda não há nenhuma prevenção.

Por outro lado, auxiliada pelo Instituto Merrieux, da França e por dois técnicos ingleses, a Fiocruz está montando o Centro de Virulogia Comparada, onde serão estudadas em profundidade as hepatites e as enteroviroses — infecções intestinais consideradas como as principais causadoras de mortalidade infantil no Brasil.

Segundo Guilardo, a partir do ano que vem os laboratórios multinacionais deverão requerer o registro de seus produtos no Serviço Nacional de Vigilância.

## Vacina nacional para poliomielite

A partir do próximo ano, o Instituto Butantan e a Fundação Oswaldo Cruz deverão iniciar a produção da vacina contra a poliomielite, a única que o País importa atualmente. A informação foi dada pelo presidente da Ceme, Leonildo Winter, em Porto Alegre. O Brasil comprou, só em agosto, sete milhões de doses de vacina da Bélgica e no primeiro semestre de 1980 deverão ser adquiridas outras 7 milhões. A Ceme espera que até o final do próximo ano, os dois institutos tenham condição de fabricá-la. Além disso, a Central de Medicamentos, segundo seu presidente, está procurando regionalizar a fabricação de vacinas, por meio de convênios, visando reduzir as despesas de transporte e garantir o abastecimento dos Estados

cia Sanitária, e só depois de receberem parecer técnico do Laboratório Central, atestando ou não a qualidade desses produtos, terão garantido o certificado de registro.

Além disso, o Laboratório Central realizará, periodicamente, análise fiscal nos produtos para comprovar se continuam ou perderam a qualidade estabelecida, fará outros exames, a pedido das empresas, e fornecerá consultas técnicas.

### VACINAS

Dentro de dois anos, o País será auto-suficiente na produção de vacina contra a poliomielite (ver box). Segundo o secretário do corpo de consultores da OMS para o Controle de Produção da Antipolio no mundo, dr. Perkins, que durante duas semanas orientou os técnicos brasileiros, a Fiocruz já está em condições de importar a suspensão viral para o desdobramento do antígeno e, até 1982, estar fabricando 30 milhões de doses por ano, cobrindo as necessidades nacionais. 10 milhões de doses e exportando o restante.

Atualmente a Fiocruz produz vacinas contra meningite meningocócica, sarampo, cólera e febre tifóide em escala industrial e está iniciando testes para a fabricação de um antígeno até agora importado da França contra herpes (inflamação dos nervos da perna — comum entre os brasileiros).

A fundação mantém, ainda, a única colônia de macacos *rhesus* existente na América Latina, animal raro e valendo aproximadamente 800 dólares, usado para pesquisas especialmente na descoberta de uma vacina contra a doença de Chagas. Com o projeto do Novo Rio, a ilha onde vivem os *rhesus* será aterrada, fato que preocupa o presidente da Fiocruz, pois ainda não encontrou outro local adequado para os animais.